



## CORRIDA ELEITORAL

Governador da Flórida era considerado o principal adversário do ex-presidente nas primárias do Partido Republicano

# DeSantis desiste de campanha e apoia Trump

» PRISCILA CRISPI

O governador do estado da Flórida, Ron DeSantis, suspendeu ontem sua campanha pela corrida presidencial nas disputas internas do Partido Republicano e disse que apoiará o ex-presidente Donald Trump nas próximas eleições, em novembro.

Em um vídeo publicado em suas redes sociais, DeSantis disse que, após ficar em segundo lugar nas convenções de Iowa na semana passada, não poderia pedir a seus apoiadores que "oferecessem seu tempo e doassem seus recursos sem um caminho certo para a vitória."

DeSantis disse que apoiaria o ex-presidente americano porque "ficou claro nas primárias que a maioria dos eleitores republicanos quer dar outra chance a Donald Trump. Ele tem meu apoio porque não podemos voltar à velha guarda republicana do passado ou uma reforma formulada de corporativismo requeentado que Nikki Haley representa", disse, se referindo à republicana que aparece em terceiro lugar nas pesquisas.

Embora o governador da Flórida tenha reconhecido desentendimentos com Trump, especialmente sobre a pandemia de coronavírus, ele disse que o ex-presidente é superior ao atual titular, Joe Biden.

A campanha de Trump disse em um comunicado neste domingo que ele estava honrado com o apoio de DeSantis e apelou aos republicanos para se unirem em torno dele.

### Disputas internas

O anúncio foi feito dias antes das primárias republicanas em New Hampshire, que acontecem

na terça-feira (23/1). DeSantis era um dos principais adversários de Trump para concorrer à Casa Branca pelo Partido Republicano. A sua saída deixa Nikki Haley, ex-embaixadora da ONU, como a única rival significativa do ex-presidente.

Na última segunda-feira (15/1), Trump venceu com folga as primeiras prévias do partido. Eleitores republicanos no estado de Iowa, tradicionalmente o primeiro a votar, escolheram Trump em uma vitória histórica. Ele obteve 51%, contra 21% de DeSantis e 19% de Haley. Ninguém havia vencido uma disputa em Iowa por mais de 12 pontos de diferença para o segundo candidato antes.

### Ligações políticas

Muitos republicanos haviam depositado suas esperanças em DeSantis, considerado por alguns como uma estrela em ascensão da direita.

Depois de ter conseguido a reeleição no ano passado por mais de 1,5 milhão de votos, a maior margem no estado em mais de 40 anos, ele foi apontado como o homem que levaria adiante o movimento "America First" (América em primeiro lugar, em português), mote de Trump.

Mas sua candidatura, anunciada no fim de maio, teve dificuldades para estabelecer-se como uma ameaça para Trump. As manchetes da mídia norte-americana passaram a descrever a sua campanha como "em modo de sobrevivência", após seu desempenho ruim em Iowa.

Neste fim de semana, já havia cancelado todas suas entrevistas televisivas, pressagiando sua decisão.

O ex-oficial da Marinha, criticado por sua falta de carisma, foi

AFP



Ron DeSantis e Donald Trump, à época presidente, em debate na pandemia. Republicanos se apoiaram durante os mandatos

eleito governador da Flórida em 2018 com o apoio fundamental do então presidente.

DeSantis era um membro pouco conhecido da Câmara dos Representantes dos EUA quando se aproximou de Trump, que, em contrapartida, deu suporte para uma série de leis conservadoras propostas por DeSantis, que incluiu a restrição do aborto e o afrouxamento das leis sobre armas.

Desde então, se distanciou por alguns momentos do ex-presidente, mas ganhou notoriedade por suas posturas

extremistas em temas como educação, imigração e direitos da comunidade LGBT, o que o manteve sempre na órbita do trumpismo.

DeSantis aparece quase diariamente na imprensa para engajar-se em guerras culturais contra políticos, empresas e professores "progressistas" aos quais acusa de impor sua ideologia aos americanos.

Também se uniu a outros governadores republicanos no envio de emigrantes a cidades democratas do norte e leste dos Estados Unidos.

### Terceira via

Em nota, Haley alertou que os Estados Unidos "não são um país de corações". A candidata defendeu que não é hora de antecipar uma vitória: "Até agora, apenas um estado votou. Metade dos seus votos foram para Donald Trump, e a outra metade não. Os eleitores merecem opinar sobre se vamos pelo caminho de Trump e Biden novamente, ou se vamos por um novo caminho conservador."

Haley vinha se abstendo de lançar polêmicas em torno da

candidatura de Trump, mas na última semana começou a questionar a sua saúde mental, fazendo comparações entre o antigo e o atual presidente e candidato à reeleição, o democrata Joe Biden. Em um evento em Seabrook, New Hampshire, disse que DeSantis "fez uma grande corrida, foi um bom governador. Desejamos-lhe o melhor."

"Dito isso, agora resta um homem e uma mulher", continuou. "Isso se resume a 'o que você quer'. Você quer mais do mesmo ou quer algo novo?", provocou ao se dirigir à platéia.

## » Entrevista | NATÁLIA GREENFELD | BRASILEIRA EM ISRAEL

# Esperando em meio à guerra

Do lado de lá da fronteira, terra arrasada. Além dos quase 25 mil palestinos mortos em Gaza, segundo a Organização das Nações Unidas, pelo menos 60% das casas ou unidades habitacionais no enclave foram destruídas ou danificadas. Nove em cada 10 escolas sofreram danos significativos. Hospitais, edifícios públicos e redes elétricas também foram atingidos. Do lado israelense, apesar de uma infraestrutura quase intacta e da vida que segue seu curso, famílias esperam apreensivas o retorno dos 130 sequestrados presos em cativeiro, mas também dos milhares de soldados convocados para engrossar as fileiras de Israel na guerra. Segundo o Exército do país, 531

deles foram mortos durante as investidas em território palestino.

A brasileira Natália Greenfeld, 37 anos, está grávida de sua primeira filha com o marido, um comandante das forças de Israel que conheceu no Rio de Janeiro enquanto ele fazia um intercâmbio, há nove anos. Convocado logo no início da guerra, o companheiro deixou Natália na casa dos pais, em Givatayim, uma cidade pequena ao lado de Tel Aviv, para que ela não corresse o risco de ter a criança sozinha, em casa. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Natália conta como se sente à medida que vê o conflito se arrastar enquanto espera um bebê, o retorno do marido e o restabelecimento da paz.

animais que foram deixados para trás nas áreas dos ataques, até voluntários preparando todo tipo de doação para enviar para o Exército, doações de comida, equipamentos militares, roupa, materiais de higiene... A sensação de insegurança ainda é grande. Eu sempre confiei muito no Exército de Israel, que é tido como um dos exércitos mais fortes do mundo. A gente tem um domo de ferro que intercepta e explode os mísseis

### Como tem sido a vida em Israel depois do 7 de outubro? É possível seguir sua rotina e circular normalmente pelas cidades?

A vida em Israel mudou completamente. Quem não foi chamado para servir no Exército está prestando trabalho voluntário. Tem uma rede de voluntários enorme em Israel. A rede funciona para todo tipo de serviço, desde pessoas que estão resgatando

Arquivo pessoal



A carioca Natália Greenfeld, grávida de um soldado israelense, conta os dias, aflita, para seu retorno

que são lançados por Gaza, no ar. Então, a sensação de insegurança maior, pelo menos para mim, é pelo fato de terem entrado 2 mil terroristas em Israel. Teve um trabalho de segurança muito grande na fronteira com Gaza, mas ainda tenho medo de descer e encontrar um terrorista nas ruas. Essa não é uma sensação que a gente tem no Brasil. Eu cresci no Rio e fui assaltada diversas vezes à mão armada, e esse foi um dos motivos, inclusive, por que deixei o Rio de Janeiro e vim para Israel, foi pela segurança. Mas aqui é diferente, porque se você encontra uma pessoa armada, ela não está

querendo roubar sua bolsa, seu telefone, ela quer tirar sua vida.

### Você está esperando um bebê em meio a uma guerra. Qual o seu sentimento a respeito da convocação do seu marido e sobre o futuro da sua família em Israel?

Esta é a minha primeira gravidez. Estou com 39 semanas, ou seja, a qualquer momento ela pode nascer. Logo que começou a guerra, o Exército ligou para o meu marido para convocá-lo. Ele é comandante, então é obrigado a servir. Eu pedi para ele não ir, falei: não, você

sempre é convocado, você sempre vai. Dessa vez, tem que colocar a família como prioridade, eu vou parir a qualquer momento, eu preciso de você comigo! Mas não teve jeito, ele teve que ir. Meu marido, como todos os israelenses, é muito patriota e sabe da importância do serviço militar para proteger o país. Eu fico recebendo informações, acompanho o noticiário todos os dias, o dia inteiro, praticamente. Não tem uma família em Israel que não tenha um familiar, um amigo que esteja lutando na guerra ou que não conheça alguém que morreu. O país inteiro

está em luto. Eu penso pelo meu lado... É nossa primeira filha, seria um momento de celebração, um momento de novidade nas nossas vidas. Meus pais estavam vindo do Brasil e iam passar três meses aqui em Israel para conhecer a netinha, para me ajudar, e tiveram que cancelar a viagem por conta da guerra. A minha vida inteira virou de cabeça para baixo. Eu tive que mudar para casa dos meus sogros, porque não posso ficar sozinha em casa e entrar em trabalho de parto sozinha. Meu marido está em campo e sempre vem um medo do que vai acontecer. Ele vai voltar? Não vai voltar? A gente sempre tem esperança de que não vai acontecer nada, mas é uma guerra que ninguém sabe quando vai acabar e quais as consequências. Eu recebi muitas mensagens de amigos do Brasil, falando: por que você não volta? Tem meus pais, a minha família no Brasil, mas o meu marido está aqui, a gente vai ter uma filha juntos, então a minha vida é aqui agora. Jamais abandonaria ele neste período. Também não creio que volte depois da guerra. Pelo que eu tenho visto das manifestações ao redor do mundo, desde a guerra, tem havido muitas manifestações antissemitas e eu não acho que eu me sentiria mais segura em nenhum outro lugar do mundo do que eu me sentiria aqui, por ter uma família judia. Agora, é rezar para ele voltar e também o irmão mais novo dele, que também foi convocado.